

DUPLICAÇÃO DO SUJEITO EM DADOS DE ESCRITA DE ALUNOS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO RECIFE¹

Patrycia Siqueira Campos Ferreira²

Resumo: Neste artigo centramos a atenção no uso dos sujeitos duplicados (SDs) (ex.: *O menino, ele brinca.*) em textos narrativos produzidos por alunos recifenses de uma escola estadual e municipal. Para tanto, tomamos como hipótese norteadora de que, nos dados de aquisição da fala do PB, por serem pouco produzidos SDs, segundo observam Gonçalves (2004) e Grolla (2000) apud Costa, Duarte e Silva (2004), serão pouco encontrados nas séries iniciais, mais produtivos nas séries intermediárias, vindo a diminuir bastante nas séries finais por influência do avançar da escolarização. Para a realização da análise, selecionamos 10 textos de cada série, a saber: da quinta série à oitava série do ensino fundamental I de uma escola municipal, e da quinta série ao terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual. A análise embasa-se no modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986 e seguintes) e tem como objetivo central discutir a duplicação dos sujeitos em dados escritos, levando em conta o possível distanciamento entre o conhecimento linguístico que o aluno traz para a escola e o que ele aprende. Após a análise dos dados, os resultados apontam para a pouca frequência de SDs nas séries iniciais, indo ao encontro do que é observado em alguns estudos realizados no campo da aquisição da linguagem (cf. GONÇALVES, 2004; GROLLA, 2000 apud COSTA, DUARTE, SILVA, 2004).

Palavras-chave: Escrita; Português Brasileiro; Sujeito Duplicado

Resumen: En este artículo centramos la atención en el uso de los sujetos duplicados (SDs) (por ejemplo, *el niño, él juega.*) En textos narrativos producidos por alumnos recifenses de una escuela estatal y municipal. Para ello, tomamos como hipótesis orientadora de que, en los datos de adquisición del habla del PB, por ser poco producidos SDs, según observan Gonçalves (2004) y Grolla (2000) apud Costa, Duarte e Silva (2004), esperamos encontrar pocos en las series iniciales, siendo productivos en las series intermediarias, viniendo a declinar en las series finales por influencia del avance de la escolarización. Seleccionamos por lo tanto 10 textos de cada serie, a saber: de la quinta serie a la octava serie de la enseñanza fundamental I de una escuela municipal, y de la quinta serie al tercer año de la enseñanza media de una escuela media escuela pública. El análisis se basa en el modelo de Principios y Parámetros (CHOMSKY, 1981, 1986 y siguientes), teniendo como objetivo central discutir la duplicación de los sujetos en datos escritos, teniendo en cuenta el posible distanciamiento entre el conocimiento lingüístico que el alumno trae para la enseñanza escuela y lo que él aprende. En el presente trabajo se analizan los resultados obtenidos en el análisis de los datos, los resultados apuntan a una poca frecuencia de SDs en las series iniciales, yendo al encuentro de lo que se observa en algunos estudios realizados en el campo de la adquisición del lenguaje (GONÇALVES, 2004; GROLLA, 2000 apud COSTA, DUARTE, SILVA, 2004).

Palabras-Llave: Escritura; Portugués Brasileño; Sujeto Duplicado

1 Introdução

Castilho (2010) faz uma relação entre as dificuldades dos estudiosos da língua em definir seu objeto e metodologias de estudo e a fábula dos cegos. Nessa história, os cegos, na tentativa de descrever um elefante, analisam diferentes partes do animal e acabam por terem

¹Trabalho apresentado no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do grau de graduada em Letras Português/ Espanhol sob a orientação da professora Cláudia Roberta Tavares Silva (claudiarobertats@gmail.com).

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português/ Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco (patrycia_siqueira18@hotmail.com).

percepções totalmente divergentes. Nesse contexto, Castilho (2010) afirma que “os estudiosos da língua e dos fenômenos sociais” (p. 41) são como os cegos, pois, apesar de terem a língua como objeto de pesquisa, de acordo com a perspectiva e a metodologia usada na análise de um mesmo fenômeno, os estudos podem obter diferentes resultados. Logo, a partir dessa alegoria, inferimos que o estudo de língua não deve ser visto de forma polarizada, mas é imprescindível considerarmos a importância de suas diferentes abordagens. Damázio e Pires de Oliveira (2016) também ressalta essa questão ao defender que a diversidade de teorias são importantes para compreender o fenômeno linguístico:

[b]asta uma breve revisão de um problema linguístico para ver que não é esse o caso; não apenas as teorias conversam, mas essa conversa faz alterações nas teorias e avança a compreensão. Considere, por exemplo, o problema do foco que teve início com a reflexão funcionalista, foi para o gerativismo e hoje há consensos compartilhados tanto por uns quanto por outros. Parece assim não haver uma delimitação rígida, estabelecida e intransponível entre diferentes teorias, as trocas podem ocorrer em parte porque o objeto não é tão distinto quanto querem fazer crer os que gostariam que cada teoria ficasse restrita em seus próprios limites (DAMÁZIO; PIRES DE OLIVEIRA, 2016, p. 16)

É sabido que, no interior da linguística moderna estabelece-se um binômio paradigmático: de um lado, a perspectiva formalista; do outro, a perspectiva funcionalista. Entretanto, diversos estudos (cf. CASTILHO, 2010; TARALLO; KATO, 1989; KATO, 1998; OLIVEIRA, 2003; CORTEZ, 2011) referendam a possibilidade de enriquecer a análise linguística quando são observados pontos convergentes entre esses paradigmas:

[p]ara os autores que propõem a sociolinguística paramétrica “empreenderemos, sim, um novo caminho: aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro. Acreditamos, assim, num direcionamento mútuo entre a variação intra- e inter-linguística, enfim: na harmonia trans-sistêmica.” (TARALLO, KATO, 1989, p. 16)

Assumimos aqui que não existe supremacia de um paradigma sobre o outro e que a escolha de um ou a adoção de sua complementaridade depende dos objetivos do linguista. Em nosso caso, adotamos, para este trabalho investigativo, a perspectiva formalista, em particular, a gramática gerativista através de seu modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) (cf. CHOMSKY, 1981, 1986 e seguintes) cuja perspectiva inatista da linguagem a embasa.

No âmbito da perspectiva formalista adotada aqui, pesquisas linguísticas têm chamado a atenção para as diferenças entre a gramática da fala e a “gramática” da escrita no Brasil, no qual apontam que há distinções entre elas. Tarallo (1996, p. 70) observa que “[o] perfil da nossa gramática brasileira (no sentido da gramática normativa) tem sido ditado pela tradição portuguesa e só esse fato torna o vácuo entre língua oral e escrita muito mais profundo no Brasil do que em Portugal”. Esse fato tem levado grande parte dos docentes a deixarem de lado uma eficaz reflexão sobre por um processo de reorganização que a gramática do PB vem passando (cf. GALVES, 2001). Essa reorganização é explicada por muitos pesquisadores pelo processo de enfraquecimento da morfologia de flexão verbal. Em seu estudo diacrônico, Duarte (1995) observa, a partir dos resultados quantitativos, um aumento acentuado de sujeitos plenos em PB na gramática adulta, ao contrário do PE (1845 (20%), 1882 (23%), 1918 (25%), 1937 (46%), 1955 (50%), 1975 (67%) e 1992 (74%)), estando o sujeito nulo (ou seja, aquele não realizado foneticamente) submetido a restrições típicas de línguas de sujeito nulo parcial (HOLMBERG, NAYUDU; SHEEHAN, 2009; KATO; DUARTE, 2014a, 2014b).

Algumas das evidências dessa reorganização gramatical podem ser verificadas, a saber: a) sujeitos plenos no português europeu (PE) recebem interpretação contrastiva em relação a outros sujeitos pragmaticamente possíveis no domínio do discurso, ao contrário do PB (GONÇALVES, 1994; SILVA, 2004) e b) construções com duplicação do sujeito pré-verbal (também denominadas *construções com redobro do sujeito*) são muito produtivas em PB, ao contrário do PE, quer em sentenças principais, quer em encaixadas:

(1)a. *A Clarinha_i ela_icozinha que é uma maravilha.* (??PE OKPB)

b. *Eu acho que o povo brasileiro_i ele_item uma grave doença.* (*PE OKPB)

(COSTA; GALVES, 2002)

Ao analisar os sujeitos duplicados (SDs) em PB, Silva (2004) argumenta que, na gramática do falante adulto, esses sujeitos apresentam propriedades distintas dos sujeitos que são duplicados em outras línguas como o francês, a saber:

A) pode não haver pausa entre o sujeito e o pronome que o duplica em PB (cf. (2)), ao contrário do francês (cf. (3)):

(2)a. *A Clarinha_i ela_i cozinha que é uma maravilha.*

b. Eu acho que *o povo brasileiro*; *ele* tem uma grave doença.

(DUARTE, 2000, p. 28)

(3) *Kester*; *il* dit qu'*il* aime bien les poissons.

“Kester, ele diz que ele gosta muito de peixe.”

(DE CAT, 2003, p. 11)

B) sintagmas nominais quantificados podem ocorrer em estruturas de duplicação do sujeito em PB (cf. (4)), diferentemente do francês (cf. (5)):

(4)a. *Toda criança ela* aprende rápido a gostar de Coca-Cola.

b. *Todo homem ele* odeia se sentir fraco.

(BRITTO, 2000, p. 202)

(5) **Tout homme, il* est mortel.

“Todo homem, ele é mortal.”

(DE CAT, 2003, p. 9)

Outra diferença apontada por Costa, Duarte e Silva (2004, p. 140) entre o PB e o francês é que [...] a construção com redobro é estatisticamente irrelevante em dados disponíveis de aquisição do PB – é inexistente no *corpus* de Gonçalves (2004), e Grolla (2000) só as atesta na criança que estudou a partir dos 3;1, contrariamente ao que acontece no *corpus* do francês de De Cat (2000). A partir disso, a hipótese norteadoradeste estudo é a seguinte: já que crianças brasileiras só começam a produzir estruturas com redobro do sujeito tardiamente, espera-se que, nas séries iniciais, ainda produzam menos e, nas séries intermediárias, venham a produzir mais, vindo a serem muito pouco produzidos nas séries finais. Em outras palavras, a escolarização exerceria influência, sobretudo, nas séries finais para o decréscimo acentuado de SDs na escrita. Observem-se, a seguir, alguns dados extraídos do *corpus* de nossa pesquisa que evidenciam SDs em diferentes níveis de escolarização:

(6)a. “Também o **Tom Splash** *ele* e sua mulher todos os cinco amararam no sidiney”

(Ensino Fundamental I - 2º ano)

- b. “**o bebê** *ele* trocou seus super poderes com um ser humano que passava por ali quando aconteceu a fusão.” (Ensino Fundamental I - 5º ano)
- c. “**Lilian** *ela* como tem o poder de voar ela voa muito” (Ensino Fundamental II – 6º ano)
- d. “**A família** *ela* voltou para o hotel em que estavam hospedados e logo quando chegaram lá” (Ensino Médio - 1º Ano)

Nos contextos acima, os SNs em negrito são retomados por um pronome resumitivo (pronome lembrete) que se encontra em itálico. Portanto, trata-se de uma *Construção com Deslocamento à Esquerda do Sujeito* pouco frequentem outras línguas românicas, como o português europeu e o espanhol, línguas de sujeito nulo consistente. Em (6), portanto, os sujeitos encontram-se em uma posição de tópico marcado (DUARTE, 2003), estando o pronome resumptivo no domínio intra-sentencial.

Em sua pesquisa, Salles (2004) conclui que SDs: (a) são muito frequentes na língua falada, (b) ocorrem exclusivamente com sujeitos de segunda e terceira pessoa, (c) não dependem de um corte entonacional (marcado graficamente pela vírgula) e (d) não estão associados a efeitos de definitude por poderem ocorrer com sintagmas indefinidos (Uma criança, *ela* gosta de brinquedo) e quantificados (*Toda criança, ela* gosta de brinquedo.).

Com base no exposto até o momento, é nosso objetivo central neste artigo discutirmos a duplicação de sujeitos em dados de escrita de alunos recifenses, levando em conta o possível distanciamento entre o conhecimento gramatical que o aluno traz para a escola (aquisição) e o que ele aprende (aprendizagem), no sentido de que o conhecimento gramatical trazido para a escola é reflexo do que ocorre na língua falada, ao passo que o que ele aprende terá reflexos na língua escrita. Em outras palavras, nos dados de aquisição da fala do PB, por serem pouco produzidos SDs, segundo observam Gonçalves (2004) e Grolla (2000) apud Costa, Duarte e Silva (2004), esperamos encontrar poucos em dados de escrita nas séries iniciais, sendo produtivos nas séries intermediárias e vindo a declinar nas séries finais por influência do avançar da escolarização.

Ademais, são objetivos específicos: a) verificar se há enfraquecimento da morfologia de flexão verbal nos textos em análise, tomando por base sua possível influência para a produção de SDs; b) analisar os dados a partir dos pressupostos da gramática gerativa (cf. CHOMSKY, 1981 e seguintes); c) comparar os dados já obtidos por outros pesquisadores no campo da gramática da fala e da escrita com os dados de escrita de alunos recifenses sobre o

objeto de estudo em análise, levando em conta a possível assimetria entre aquisição e aprendizagem. Para tanto, serão analisados dados extraídos de narrações produzidas por alunos de escolas da rede pública e municipal da cidade do Recife-PE.

Em linhas gerais, o estudo aqui proposto torna-se relevante na medida em que as pesquisas, até onde temos verificado, centram a atenção nos SDs, sobretudo, na língua falada, não oferecendo uma análise adicional pautada na comparação entre o conhecimento gramatical adquirido naturalmente pela criança e o conhecimento que aprende via escolarização. Além disso, trata-se de um estudo pioneiro no estado de Pernambuco, contribuindo para os estudos linguísticos sobre o PB no que se refere, em específico, ao Parâmetro do Sujeito Nulo e às estratégias de preenchimento da posição pré-verbal do sujeito na gramática dessa língua.

Vale referirmos ainda que o artigo encontra-se assim estruturado: na seção 2, discorreremos sobre o aporte teórico que norteará a análise; na seção 3, centraremos nossa atenção nos procedimentos metodológicos necessários à realização dessa análise; na seção 4, será realizada a análise dos dados e, na seção 5, apresentaremos as considerações finais.

2 Referencial Teórico

2.1 Teoria gerativa: pressupostos básicos

Ao partir do pressuposto de que todo Ser Humano já nasce com um dispositivo genético específico para a linguagem, a teoria gerativa, proposta por Noam Chomsky na década de 50, inscreve-se como uma teoria mentalista. Para os estudiosos da ciência cognitiva, a capacidade que todo falante de uma língua natural de produzir sentenças e julgá-las como (a)gramaticais só é possível porque há estruturas cerebrais que permitem que a linguagem se processe de maneira natural na mente humana. Nesse contexto, a linguística gerativa tem um papel importante no intuito de compreender, por exemplo, como o conhecimento linguístico internalizado é estruturado na mente humana. Portanto, são questões básicas desta teoria:

(i) O que constitui o conhecimento da língua? (NATUREZA)

(ii) Como é adquirido o conhecimento da língua? (ORIGEM)

(iii) Como é usado o conhecimento da língua? (USO)

(CHOMSKY, 1986, p. 23)

Estando enquadrada, portanto, em uma perspectiva cognitiva, assume-se a existência de uma Faculdade da Linguagem (FL), ou seja, um órgão mental responsável pela linguagem, inerente ao Ser Humano, através da qual é possível ao indivíduo produzir e compreender infinitas estruturas frásicas e fazer intuições, por exemplo, sobre o conhecimento gramatical de natureza fonológica, sintática e semântica de sua língua materna. Segundo Chomsky (1986, p. 22), a FL é “uma componente particular da mente humana.”, o que torna a sua teoria de base mentalista.

Sobre as estruturas frásicas de uma língua, é característico da linguagem humana fazer associação de forma sistêmica entre um *som* e um *significado*. De acordo com Aristóteles, a linguagem é considerada a arte de unir “som” e “significado”. Esse conceito também influenciou as teorias relacionadas ao “som” e ao “significado” defendidas e fundamentadas por Ferdinand de Saussure (1857-1913) em sua teoria do signo linguístico. Dessa forma, para Saussure, a linguagem seria formada a partir de um sistema de signos, em que o signo é a união indissociável entre um significante (som) e um significado. Na teoria gerativa, há uma crítica a essa consideração, pois se acredita que a significação seja mais relevante, ou seja, os sons são apenas uma das variáveis formais para a veiculação do significado. Dessa forma, a linguagem é concebida como um sistema organizado de acordo com princípios e regras que possibilitam a formação de expressões linguísticas ordenadas. Nesse contexto, a relação entre som/ gesto e significado gera o par (π, λ) , no qual π é uma forma fonética e “ λ ”, a forma conceitual intencional, considerados sistemas de interface: o primeiro é o sensorio-motor (a forma fonética (FF) e o segundo, o conceitual-intencional (a forma lógica (FL)). Em linhas gerais, a FF seleciona e armazena diversas estruturas sonoras e gestuais (π) necessárias para a criação de sintagmas. Assim, a organização do pensamento ocorre por conta da construção de elementos significativos pequenos até frases complexas a fim de construir um conceito que atenda as demandas do sistema externo – o sistema de pensamento(λ)

Vale referirmos ainda que, associada à FL encontra-se a Gramática Universal (GU) considerada o estágio inicial geneticamente determinado e necessário à aquisição de uma língua natural: “[...] UG [Universal Grammar] is taken to be a characterization of the child’s pre-linguistic initial state” (CHOMSKY, 1981, p. 7). Na GU já estão previstas as propriedades invariantes (princípios) e as que distinguem as línguas naturais (os parâmetros). Sobre os parâmetros, assume-se que apresentam valores binários (+ e -), sendo o papel da criança fixar um dos valores para a aquisição de uma língua natural. Após fixar o valor paramétrico, a criança, por volta dos 5 anos de idade, já possui uma gramática nuclear de sua língua que

independe de instrução, ou seja, de um conhecimento consciente de sua língua. A esse estágio denomina-se de final, pois a criança já adquiriu um conhecimento gramatical internalizado de sua língua, a saber, a língua-I(interna, individual, intensional). Logo, a língua-I(internalizada), objeto de estudo da teoria gerativa, distingue-se da língua-E(extensional) que se enquadra no âmbito da performance por esta voltar-se ao “uso efectivo da língua em situações concretas” (CHOMSKY, 1965, p. 84).

É importante lembrarmos que, para a aquisição da língua-I, valores paramétricos foram fixados pela criança no processo de aquisição. Para tanto, sua exposição aos dados linguísticos primários (*input*) de sua língua é crucial para que essa aquisição ocorra, valendo referirmos que, ao contrário da perspectiva behaviorista, não se trata de um processo embasado em estímulo-resposta, pois o falante-ouvinte é capaz de produzir e entender sentenças nunca antes ouvidas, o que evidencia um dos princípios fundantes da linguagem humana e tão defendido pela teoria gerativa: a criatividade. Nessa linha de raciocínio, Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2005, p. 18) assumem que “só os seres humanos são capazes de combinar itens de um conjunto de elementos segundo certos princípios básicos, que são em número finito, de modo a gerar um número infinito de sentenças novas [...]”.

2.2 Sobre o Modelo de Princípios e Parâmetros

Conforme já mencionado da seção anterior, a GU é composta de princípios e parâmetros, sendo aqueles relacionados às regularidades universais que estão presentes nas línguas, e estes, às diferenças gramaticais observáveis entre elas cujos valores já estão dados inatamente e precisam ser fixados pela criança no processo de aquisição. É sob esse enfoque que Chomsky na década de 80 propõe o chamado Modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) (CHOMSKY, 1981, 1986 e seguintes).

A partir da comparação no âmbito da sintaxe entre línguas de diversas famílias linguísticas, Chomsky observa que há um princípio que as une, a saber: a posição sujeito é sempre projetada em contextos finitos (o chamado Princípio de Projeção Extendido (EPP, do inglês *Extended Projection Principle*), no entanto, essa posição deve ser preenchida por sujeitos realizados foneticamente (sujeitos plenos) nas chamadas línguas de sujeito não-nulo (*línguas não-pro-drop*) como o inglês e o francês, ou pode ser preenchida por sujeitos não-realizados foneticamente (sujeitos nulos) nas chamadas línguas de sujeito nulo (*línguas pro-drop*), como

o catalão e o italiano. A partir disso, é proposto na teoria o chamado Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) cujos valores (+) e (-) definirão se a língua é pro-drop ou não-pro-drop, respectivamente. Portanto, em línguas como o italiano (It.) e o catalão (Cat.), o valor positivo é fixado pela criança em fase de aquisição, ao passo que no inglês (Ing.) e no francês (Fr.), o valor negativo. Observem-se os exemplos extraídos de Rizzi (1997, p. 271-272) que evidenciam essa diferença em diferentes contextos frásicos:

- (7)a. ___ parla. (It.) (“fala”)
- b. ___ parla. (Cat.) (“fala”)
- c. * ___ parle. (Fr.) (“fala”)
- d. * ___ speaks. (Eng.) (“fala”)

- (8)a. ___ piove.. (It.) (“chove”)
- b. ___ plou. (Cat.) (“chove”)
- c. * ___ pleut. (Fr.) (“chove”)
- d. * ___ rained. (Eng.) (“chove”)

- (9)a. *Ciò piove. (It.) (“chove”)
- b. *Això plou. (Cat.) (“chove”)
- c. Il pleut/ça pleut. (Fr.) (“chove”)
- d. It is raining. (Eng.) (“está chovendo”)

- (10)a. ___ ha telefonato Gianni. (It.) (“Telefonou João.”)
- b. ___ ha telefonat en Joan. (Cat.) (“Telefonou João.”)
- c. * ___ a téléphoné Jean. (Fr.) (“Telefonou João.”)
- d. * ___ telephoned John. (Eng.) (“Telefonou João.”)

- (11)a. Chi credi che ___ telefonerà? (It.) (“Quem achas que telefonará?”)
- b. Qui creus que ___ telefonará? (Cat.) (“Quem achas que telefonará?”)
- c. * Qui crois-tu que ___ téléphonera? (Fr.) (“Quem achas que telefonará?”)
- d. * Who do you think that ___ will telephone. (Eng.) (“Quem achas que telefonará?”)

(12)a. It.: parl-o, parl-i, parl-a, parl-iamo, parl-ate, parl-ano

“falo, falas, fala, falamos, faláis, falam”

b. Cat.: parl-o, parl-es, parl-a, parl-em, parl-eu, parl-em

c. Fr.: parl, parl-õ, parl-é

d. Eng.: speak, speak-s

Chomsky (1981, 1986) argumenta que o PSN está associado a um conjunto de propriedades, a saber:

1. Sujeitos nulos referenciais ocorrem em línguas pro-drop (cf. (7a) e (7b));
2. Sujeitos nulos expletivos ocorrem em línguas pro-drop (cf. (8a) e (8b));
3. Sujeitos pospostos ocorrem com diferentes tipos de verbos em línguas pro-drop, deixando a posição pré-verbal de sujeito vazia (cf. ((10a) e (10b));
4. Constituintes interrogativos com função de sujeito podem ser movidos nas interrogativas, deixando a posição de sujeito da encaixada vazia(cf. (11a) e (11b));
5. Línguas pro-drop apresentam morfologia de flexão verbal rica, sendo as desinências número-pessoais de cada pessoa do paradigma pronominal responsáveis pela legitimação e licenciamento dos sujeitos nulos (*Generalização de Taraldsen, 1978*) (cf. 12a) e (12b)).

Pesquisas iniciais realizadas sobre o PSN no português brasileiro (PB) apontavam que essa língua estava passando por um processo de mudança, deixando de ser uma língua pro-drop para uma língua não-pro-drop, o que levou Duarte (1995) a denominar de Perda do Princípio Evite Pronome. Esse processo de mudança está associado, sobretudo, ao enfraquecimento da morfologia de flexão verbal por apresentar um decréscimo de seis desinências número-pessoais para quatro, decorrência das formas zero na segunda pessoa do singular (*tu*) e do plural (*vós*). Para essa autora, uma das evidências desse enfraquecimento decorre do surgimento de diversas estratégias de preenchimento da posição pré-verbal por sujeitos plenos, destacando-se, dentre elas, as construções com duplicação do sujeito apresentadas na introdução deste artigo tão comuns na língua falada por brasileiros, uma situação observada com grande frequência em uma língua não-pro-drop como o francês:

(13) *Madame*_i, dist il froidement, *elle*_i se recommande tres humblement avostre bonne grace et *pro*_i dis que *pro*_j l'avrez_j briefement.

“A *senhora*, disse ele friamente, *ela* se posicionou muito humildemente a seu bom grado e disse que o teria brevemente.”

(DUARTE, 2000, p. 30)

No exemplo acima, o constituinte *Madame* é retomado pelo pronome lembrete *elle* na posição de sujeito. Mesmo se tratando de uma língua não-pro-drop, é possível que seja encontrado sujeito nulo (*pro*) em francês em contextos de coordenação quando o sujeito é correferente com o referente já dado no domínio do discurso, nesse caso, *Madame*. Por isso, a utilização do mesmo índice referencial _i (*pro*_i). Nesse exemplo, observa-se que a adjacência entre o constituinte *Madame* e o pronome *elle* é quebrada, o que implica considerarmos que o primeiro encontra-se em uma posição de tópico e o segundo, no domínio intrafrásico, tratando-se, portanto, de uma construção de tópico marcado. Seguindo essa perspectiva de análise, Pontes (1986), em sua pesquisa pioneira sobre o tópico no PB, considera que essa língua é de orientação para o tópico devido, por exemplo, à grande frequência de construções com duplicação de sujeito.

Não obstante, estudos como o de Silva (2004) e Costa, Duarte e Silva (2004) mostram evidências de que as construções com SDs no PB diferem em alguns aspectos das construções com SDs em francês, o que os leva a aventarem a hipótese de que essas construções não decorrem necessariamente do PSN, mas do enfraquecimento da morfologia de flexão verbal, sobretudo, do déficit morfológico da segunda pessoa. Um dos locus de diferença entre essas línguas é que, enquanto em PB são muito frequentes SDs de terceira pessoa, em francês predominam a primeira e segunda pessoas (cf. COSTA, DUARTE; SILVA, 2004).

Com o avanço dos estudos sobre o PSN no PB, é sobejamente assumido hoje que o PB não está deixando de ser uma língua pro-drop, mas permanece sendo um outro sistema de língua pro-drop (cf. RODRIGUES, 2004; HOLMBERG, 2010; HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009; BOTHERS, 2009; ALEXANDRE; DUARTE; SANTOS, 2013; KATO; DUARTE, 2014, 2014; SAAB, 2016) que difere, por exemplo, do sistema pro-drop do português europeu (PE), do italiano e do grego, por exemplo, ideia essa adotada neste artigo.

A proposta que embasa essa ideia tem sua gênese na ideia de hierarquias paramétricas proposta por Roberts e Homlberg (2010) e Roberts (2012), segundo a qual os parâmetros continuam com valores binários, não sendo possível pensarmos em uma língua que tenha

fixado, ao mesmo tempo, o valor (+) e (-) para um dado parâmetro em decorrência de um processo de mudança tal como foi proposto por alguns estudiosos para o PB ao considerá-la uma língua semi-pro-drop (SILVA, 2004).

Segundo Holmberg (2005), Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), Roberts e Holmberg (2010), há quatro sistemas de sujeito nulo, a saber:

- a) *línguas de sujeito nulo consistente*, como o espanhol e o PE: sujeitos nulos são produzidos em decorrência da riqueza da morfologia de flexão verbal (TARALDSEN, 1978);
- b) *línguas de sujeito nulo radical*, como o chinês: sujeitos nulos são produzidos sob restrições discursivas (HUANG, 1984, 1989);
- c) *línguas de sujeito nulo parcial*, como o hebraico (BORER, 1989), o finlandês e o PB (HOLMBERG, 2005): sujeitos nulos estão submetidos a contextos estruturais específicos;
- d) *línguas de sujeito nulo expletivo*, como o alemão: apenas os expletivos são nulos (ROBERTS; HOLMBERG, 2010).

Visando exemplificar os quatro sistemas de sujeito nulo, veja-se o seguinte esquema apresentado por Oliveira (2016, p.24) e adaptado de Roberts (2016):

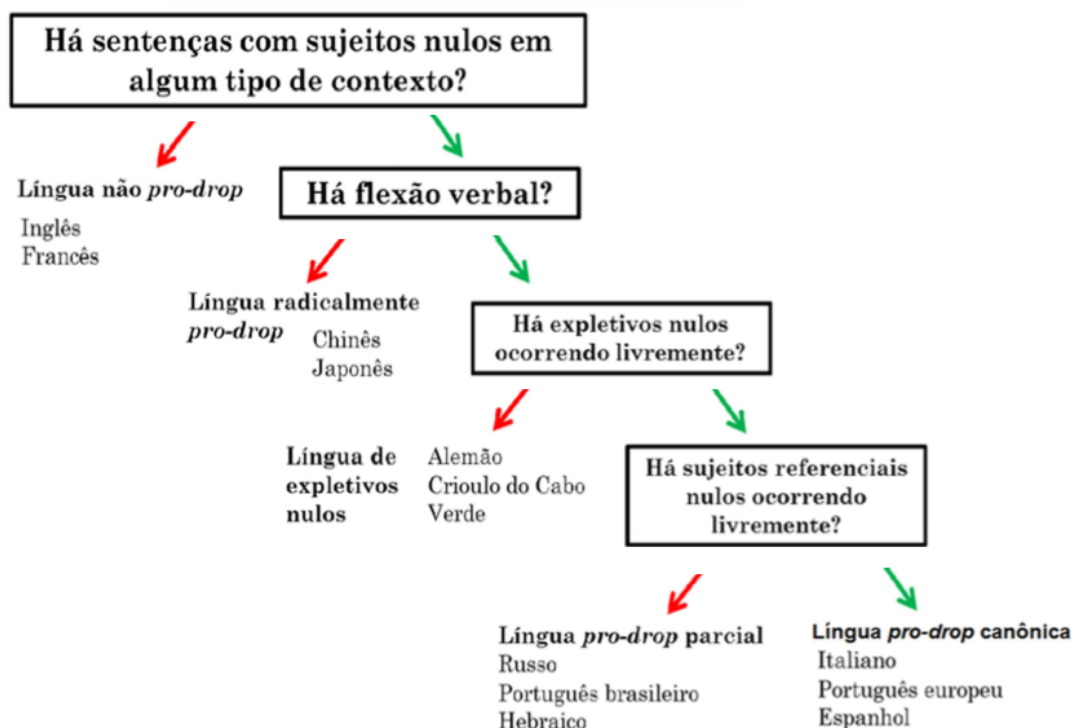


Figura 1– Hierarquia paramétrica desenvolvida para o Parâmetro do Sujeito Nulo

Com base no esquema, o PB, conforme já enunciado, enquadra-se no sistema das línguas de sujeito nulo parcial. Kato e Duarte (2014b, p. 8-10) apresentam as seguintes evidências não verificadas nos outros sistemas pro-drop:

a) sujeito nulo em sentenças encaixadas em variação com sujeitos pronominais:

(14)a. O João_i disse que $\emptyset_{i/*j}$ comprou um carro ontem.

b. O João_i disse que *ele*_{i/j} comprou um carro novo.

b) sujeito nulo genérico em variação com sujeitos genéricos pronominais:

(15)a. \emptyset_{gen} não pode fumar aqui.

b. *A gente* não pode fumar aqui.

c. *Você* não pode fumar aqui.

c) nulo expletivo em variação com construções pessoais:

(16)a. \emptyset_{expl} está entrando água por essas janelas.

b. *Essas janelas*_i estão entrando água [t]_i.

Diante do exposto, assumimos neste artigo que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial e que construções com SDs nessa língua não tem a ver necessariamente com o PSN, mas com o enfraquecimento da morfologia de flexão verbal, tal como defendido por Silva (2004) e Costa, Duarte e Silva (2004) cujas evidências são apresentadas na introdução deste artigo. Além disso, sendo a duplicação do sujeito um fenômeno frequente na gramática da fala dos brasileiros (SALLES, 2004), acreditamos que o aumento da escolarização desses falantes possa ser responsável por uma assimetria entre essa gramática e a gramática da “escrita” no sentido de nesta SDs serem poucos frequentes.

3 Procedimentos metodológicos

Para a realização deste estudo decorrente da pesquisa por mim desenvolvida como bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC)/ UFRPE no período de 2012 a 2013, foram feitas seleção, leitura e fichamento de bibliografias voltadas à teoria que embasa a análise. Além disso, foram utilizados o método estatístico para obtenção dos resultados quantitativos e o método comparativo para estabelecer uma análise não só entre os resultados nas escolas pesquisadas, mas também entre os resultados obtidos neste artigo e os de outros estudos.

Para a coleta dos dados escritos, baseamo-nos nos textos que já haviam sido coletados em 2011 pelo aluno-bolsista Edimar Gonçalves de Barros Filho para a realização de sua pesquisa voltada ao PSN em dados escritos produzidos em duas escolas públicas do Recife (uma estadual e uma municipal).

O texto produzido pelos alunos foi predominantemente narrativo, sendo essa atividade de produção textual aplicada pelos professores das turmas. Além disso, houve a preocupação de uniformizar a temática da narração em todas as turmas e, para tanto, foi dado o início da estória para que os alunos dessem continuidade. Acreditamos que esse tipo de texto estimulou bastante a imaginação dos alunos, envolvendo-os de tal forma com o enredo de uma estória voltada a uma família de super-heróis, que os levou a monitorar-se menos quanto à escrita de seu texto. Essa situação é interessante para testarmos nossa hipótese norteadora de que, nas séries iniciais, haja mais SDs do que nas séries finais em que os alunos já estão mais conscientes do uso linguístico previsto para a modalidade escrita.

Com base nos textos coletados, foram selecionadas 10 redações de cada série que apresentaram maior número de linhas, a saber: a) 2º, 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I (rede municipal) e b) 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II e 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio (rede estadual).

A pesquisa encontra-se dividida em dois momentos: no primeiro momento (agosto de 2012 a fevereiro de 2013), foi analisado o primeiro conjunto das 10 redações selecionadas por série e, no segundo momento (fevereiro de 2013 a julho de 2014), houve a ampliação dos dados a partir da seleção de mais 10 redações por cada série. Essa ampliação foi necessária para percebermos se os resultados obtidos no primeiro momento do estudo se mantiveram ou não, o que será discutido na próxima seção.

Feita a seleção das redações, procedemos à montagem do *corpus* que é composto por frases declarativas finitas, contendo SDs. Além disso, os dados foram analisados consoante as variáveis linguísticas e extralinguísticas abaixo descritas que podem estar favorecendo ou não o fenômeno em estudo:

VARIÁVEL DEPENDENTE

Presença de duplicação do sujeito

Ausência de duplicação do sujeito

VARIÁVEIS INDEPENDENTES

➤ LINGUÍSTICAS:

- Tipo de representação do sujeito:

Sintagma nominal seguido de pronome lexical

Sujeito duplicado com quantificadores/ indefinidos

Não se aplica

- Traço de pessoa/número do sujeito:

Primeira pessoa do singular

Primeira pessoa do plural

Segunda pessoa do singular

Segunda pessoa do plural

Terceira pessoa do singular

Terceira pessoa do plural

➤ EXTRALINGUÍSTICAS:

- Redes de ensino:

Estadual

Municipal

- *Séries:*

Ensino Fundamental I

Ensino Fundamental II

Ensino Médio

Selecionadas essas variáveis e os fatores que as compõem, os dados foram codificados e submetidos a tratamento estatístico para posterior análise linguístico-comparativa cujos resultados obtidos encontram-se na próxima seção.

4. Resultados e discussão

4.1 Por uma descrição do sujeito duplicado no português brasileiro

Ao analisar as construções de redobro do sujeito no PB, Moraes de Castilho (2001. p 61) verifica que o sujeito duplo seria um tipo específico de tópico, já que, o tópico é formado por uma estrutura frásica ou um nome movido à esquerda das orações (esse movimento também pode ocorrer à direita, apesar de não ser recorrente e é denominado antitópico), tal como observado por Vasco (1999) no exemplo (18), a seguir, ao analisar diversos tipos de tópicos formados por:

- a) *anacoluto*, em que não existe a preocupação com a concordância entre tópicos e outros elementos da sentença. Ou seja, no anacoluto, não há vínculo sintático entre tópico e comentário:

(17)E esse menino, a gente andava de bicicleta, às vezes soltava pipa, agente se divertia muito (exemplo 15, de CÂMARA, 2016. p. 11)

b) *deslocamento*, em que os sujeitos são deslocados à esquerda construindo um tópico:

(18)A avenida das Américas eles tão recapeando ela toda. (exemplo 13, de VASCO, 1999, p. 29 apud SALLES, 2004, p. 38)

(19) A escola técnica, ela dava formação técnica muito boa... (exemplo 2, de VASCO, op. cit.,p.79, apud SALLES, 2004, p38)

c) *topicalização*, quando qualquer elemento da sentença é deslocado do fim da frase para o início ou do início para o fim, formando, esse último um antitópico.

(20) pontualidade, ela não é comigo (exemplo 14, de VASCO, op, cit., p. 29 apud SALLES, 2004, p. 39)

d) *Tópico-Sujeito*, quando o tópico tem as características de sujeito por estar no início da oração coincidindo com o sujeito:

(21) O meu carro ele furou o pneu (exemplo 94, de PONTES, 1987, p. 35 apud SALLES, 2004, p. 40)

Ao estudar as propriedades do tópico, Thompson (1976) elenca as seguintes propriedades:

- a) é definido;
- b) existe de forma independente em relação ao verbo;
- c) não é determinado pela transitividade;
- d) não se apresenta em posição pós-verbal.

Não obstante, diversos estudos realizados sobre os SDs no PB, verificam que nem sempre as propriedades acima são observadas, pois podem ocorrer SDs com sujeitos indefinidos e quantificados, por exemplo (BRITTO, 2000; DUARTE, 2000; SILVA, 2004). É nesse sentido que os SDs do PB distiguem-se do SDs em francês, segundo observam Costa, Duarte e Silva (2004): na segunda, são verificadas as propriedades elencadas por Thompson (1976), ao contrário da segunda. Retomamos aqui as evidências apresentadas por esses autores para o PB:

- a) Construções com duplicação de quantificadores e indefinidos não ocorrem em francês, diferente do PB:

(22)a Cada criança, ela leva o seu livro a escola.

b. Um menino ele chegou.

(COSTA; DUARTE; SILVA, 2004, p. 140)

- b) A duplicação do sujeito em francês exige uma quebra entonacional, marcada graficamente pela vírgula, ao contrário do PB:

(23) Pedro ele telefonou a várias horas.

(COSTA; DUARTE, SILVA, 2004, p. 140)

(24) Pierre*(//)il vient de téléphoner

(IBID., p. 139)

- c) São comuns SDs de primeira pessoa em francês, ao contrário do PB em que predomina a terceira pessoa:

(25) Pedro ele telefonou faz horas

(IBID., p. 140)

- d) O redobro do sujeito em francês ocorre de forma produtiva no processo de aquisição de linguagem, diferente do PB cuja aquisição é tardia (GROLLA, 2000 apud COSTA, DUARTE, SILVA, 2004)

Ademais, Cyrino, Duarte e Kato (2000), ao proporem uma escala de referencialidade a partir do traço [+humano]/[-humano] dos pronomes, argumentam que pronomes [+ humano] são considerados fortes e pronomes [-humano], fracos. De acordo com essa proposta, Kato (2003) afirma que a duplicação do sujeito ocorre quando se tem um pronome forte duplicado por um fraco. Assim, pronomes de 3ª pessoa são fortes no PE e no PB podem ser fortes ou fracos. No contexto de SDs, o pronome considerado forte deve ser [+ referencial][+humano] e [+ específico] e pode ser duplicado pelo fraco (ex.: *Ele, ele...*).

Diante das construções de SDs no PB descritas nesta subseção, assumimos com Costa, Duarte e Silva (2004) e Silva (2004) que nem sempre correspondem a construções de tópico, pois é possível, por exemplo, que o sujeito seja indefinido e quantificado e que entre ele e o pronome que o duplica não haja corte entoacional. Além disso, o fato de as construções nessa língua distinguirem-se das do francês sugere que a grande produtividade de SDs em PB não deriva do PSN, mas do processo de enfraquecimento da morfologia de flexão verbal em PB associado à perda da morfologia de segunda pessoa, dificultando a distinção entre a segunda e a terceira pessoa. Conforme argumentam Costa, Duarte e Silva (2004), esse enfraquecimento evidencia-se através do pronome resumptivo nas construções de SDs que serve como uma estratégia de lexicalização do traço de pessoa.

Conforme já enunciado, SDs são muito comuns na língua falada e, por isso, dedicamos a próxima subseção para verificarmos o comportamento desses sujeitos na língua escrita de alunos recifenses em diferentes graus de escolarização, tendo em mente a possível assimetria entre a gramática da fala e a “gramática” da escrita.

4.2 O comportamento dos sujeitos duplicados em dados escritos

De acordo com Salles (2004), SDs são frequentes na língua falada. Até onde temos verificado, não há um estudo como o aqui proposto que analise o comportamento desse sujeitos em dados escritos de diferentes séries de uma escola municipal e estadual.

Como já enunciado na metodologia, acreditamos ser importante a realização deste trabalho investigativo, com o intuito de verificarmos se possíveis efeitos do processo de mudança que tem ocorrido na gramática da fala podem ter reflexo na escrita no âmbito dos SDs. Para tanto, os resultados são apresentados, tomando por base o primeiro momento da pesquisa (agosto de 2012 a fevereiro de 2013) referente ao primeiro conjunto das 10 redações

selecionadas por série e, o segundo momento (fevereiro de 2013 a julho de 2014), em que há a ampliação dos dados a partir da seleção de mais 10 redações por cada série. Nossa ideia é que, ao compararmos esses dois momentos, será possível constatar se os resultados se mantêm ou não após a ampliação do *corpus*.

A seguir, são apresentados os resultados quantitativos obtidos para cada variável selecionada com seus respectivos fatores a partir do *corpus* constituído nesta pesquisa.

4.2.1 Sobre a variável dependente

A variável dependente selecionada para este estudo, segundo já enunciado, é composta de dois fatores: a) presença de duplicação do sujeito e b) ausência de duplicação do sujeito. Os resultados quantitativos obtidos para essa variável revelam que SDs são pouco produzidos nos dados de escrita dos dois momentos da pesquisa (cf. gráficos 1 e 2), à semelhança dos dados orais obtidos por Salles (2004) (cf. gráfico 3) por razões que serão expostas a seguir:

Gráfico 1: Percentual geral de presença *versus* ausência de SDs (1º momento da pesquisa)

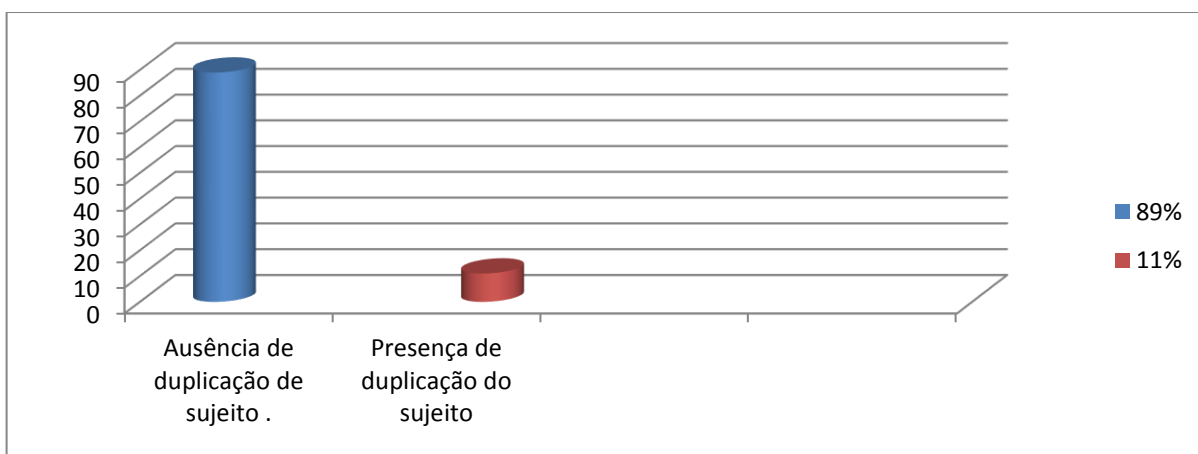


Gráfico 2: Percentual geral de presença *versus* ausência de SDs (2º momento da pesquisa)

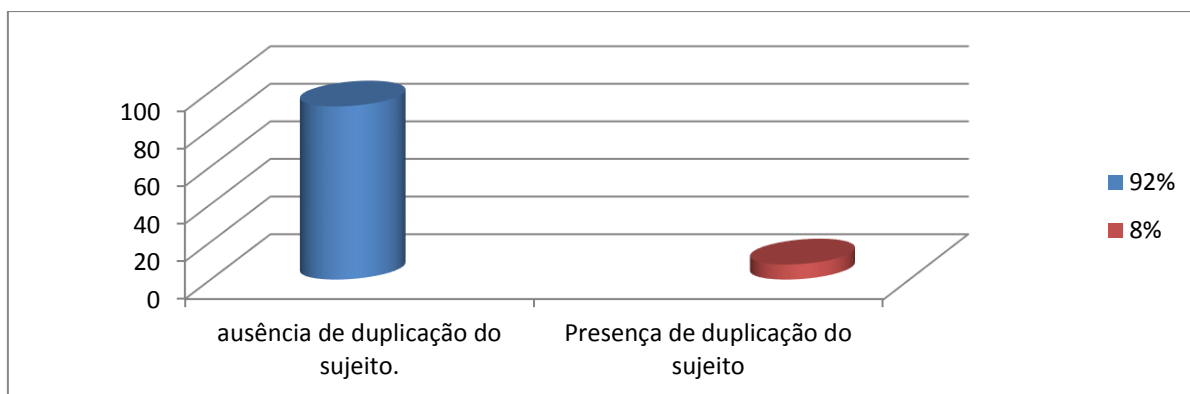
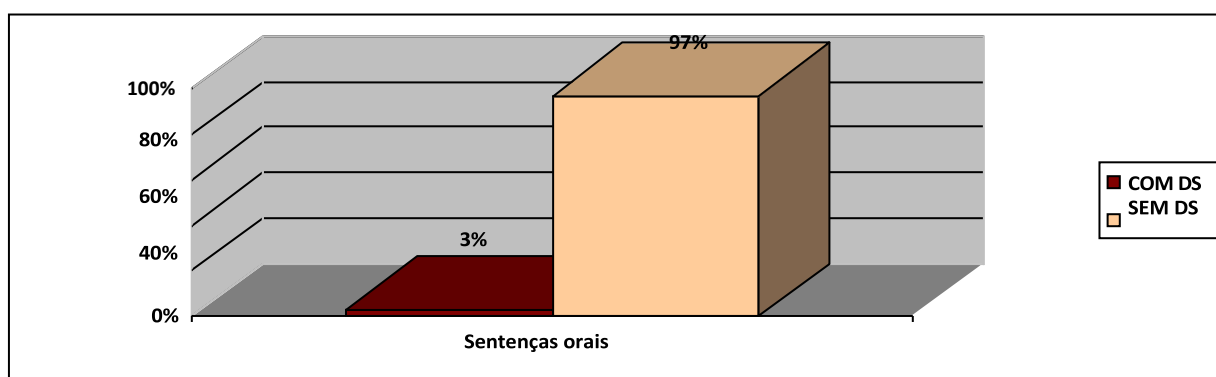


Gráfico 3: Percentual geral de presença *versus* ausência de SDs extraído de Salles (2004, p. 68)



Observamos, portanto, um baixo percentual de SDs no primeiro momento da pesquisa em que foram analisados: a) Ensino Fundamental I de uma escola municipal (2º ao 5º ano), b) Ensino Fundamental II de uma escola estadual (6º ao 9º ano) e c) Ensino Médio de uma escola estadual (1º ao 3º ano). Em 11% das redações, de um total de 110 produzidas pelos alunos, apresentaram SDs.

No segundo momento desta pesquisa, foram analisados: a) Ensino Fundamental I de uma escola municipal (2º ao 5º ano), b) Ensino Fundamental II de uma escola estadual (6º ao 9º ano) e c) Ensino Médio de uma escola estadual (1º ao 3º ano). Em 8% das redações, de um total geral de 110, redações apresentaram SDs, indo na mesma direção do que foi obtido por Salles (2004) para os dados orais em que 3%, de um total geral de 2.400, sentenças apresentaram SDs. O resultado dessa autora foi inesperado, haja vista que estudos linguísticos apontam para o fato de SDs serem mais frequentes na gramática da fala (DUARTE, 2000, KATO; DUARTE, 2014).

Salles (2004), em sua pesquisa explica que o sujeito duplicado ocorre com frequência em frases que expressam juízos categóricos, ou seja, estruturas que são organizadas a partir da

relação sujeito-predicado, em que as duas partes são delimitadas. Logo, a frase é formada por dois atos separados, o sujeito e a afirmação ou negação expressa pelo predicado sobre o sujeito. Entretanto, no seu trabalho, o baixo número de SDs ocorreu por conta do gênero entrevista, em que foi frequente o uso de frases com juízos téticos, isto é, de construções que, a partir de um ato cognitivo, no qual, é apresentado um evento, estado, objeto ou entidade, ao contrario do juízo categórico, não apresenta a estrutura S(ujeito)-V(erbo). Nesse sentido, de acordo com Britto (1998), a ordem SV é mais propícia para a produção de SDs.

Diferentemente de nossa pesquisa, em que o gênero utilizado é uma estória com o predomínio do texto narrativo favorecendo a produção de juízos categóricos, verificamos mesmo assim o baixo quantitativo de SDs. Dessa forma, podemos supor que o fenômeno em análise é, de fato, menos comum na escrita.

4.2.2 Variáveis linguísticas

4.2.2.1 Tipo de representação do sujeito

A variável aqui estudada é composta por três fatores, a saber: a) *Categoria 1*: sintagma nominal seguido de pronome lexical (cf. (26)), b) *Categoria 2*: duplicação do sujeito com quantificadores (cf. (27)) e c) *Categoria 3*: não se aplica. Em relação a essa última categoria, estão incluídos, por exemplo, pronome duplicado por outro pronome (cf. (28)) e elemento pronominal duplicado por um nome (cf. (29)), nome duplicado por outro nome (cf. (30)):

(26) “[...] *o filho mais velho ele* é muito curioso (Ensino Fundamental II- 8º ano)

(27) “*Um homem bomba ele* se explodiu” (1º ano do Ensino Médio)

(28) “*Ele ele* usou seus super poderes” (Ensino Fundamental II - 6º ano)

(29) “*Ela Lilian* pegou o bebe” (Ensino Fundamental II- 6º ano)

(30) “*o bebe o bebe* com seus poderes sacultu o homem até que ele vomitou (Ensino Fundamental II – 6º ano)

Nos resultados abaixo, verificamos que é bastante comum a *Categoria 1* no primeiro e segundo momento da pesquisa (40% e 75%, respectivamente (cf. gráficos 4 e 5)):

Gráfico 4: Percentual geral do tipo de representação do sujeito duplicado (*1º momento da pesquisa*)

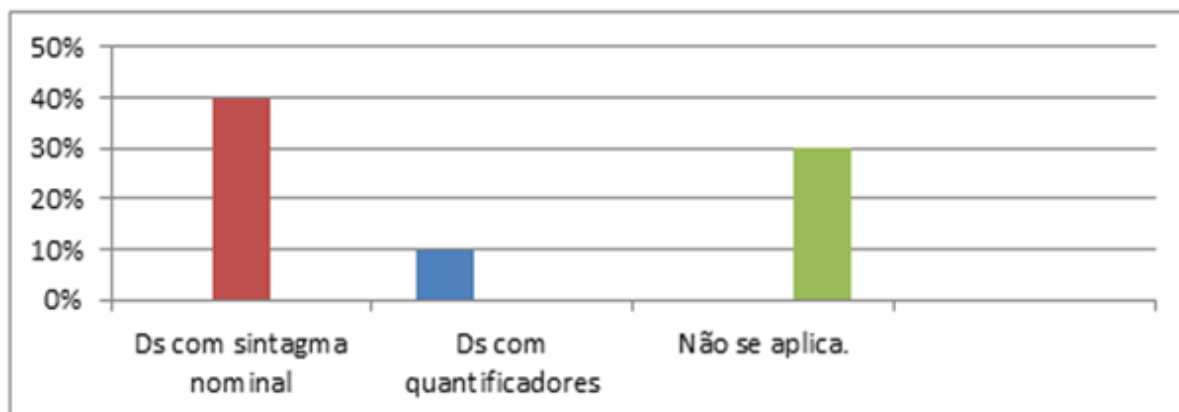
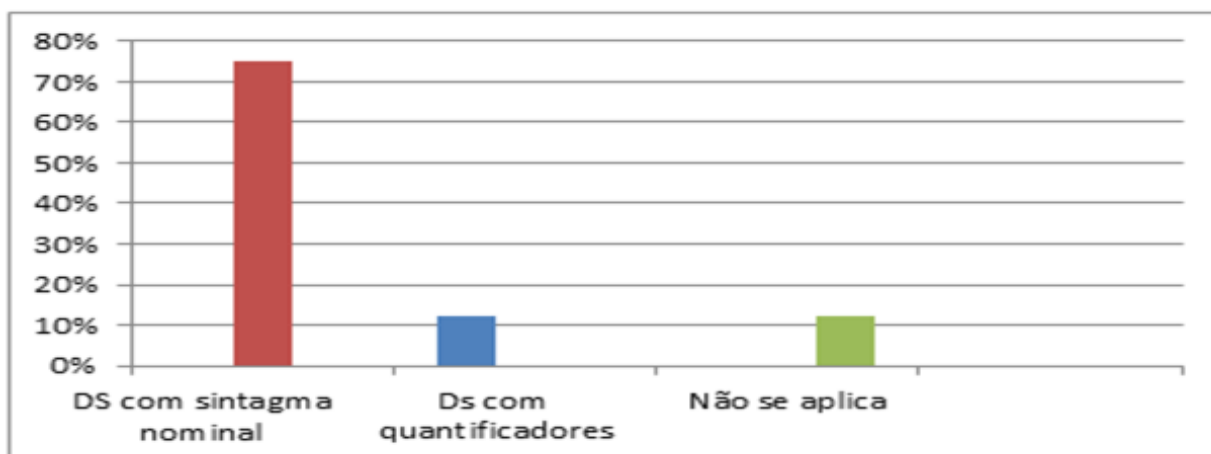


Gráfico 5: Percentual geral do tipo de representação do sujeito duplicado (*2º momento da pesquisa*)



Em sua pesquisa, Salles (2004) observou, em seus dados, que os SDs são mais produtivos em estruturas com pronome no plural duplicado por pronome no plural (PL + PL), conforme nos mostra o peso relativo 0,65, ao passo que sintagma nominal no plural duplicado por pronome no plural (SN + PL) não é tão significante (0,43), pois seu peso relativo é inferior a 0,50, um resultado que vai de encontro aos nossos resultados (cf. Tabela , a seguir, extraída de Salles (2004, p. 82):

Tabela 01: Estruturas mais comuns na representação do SD

Estrutura	PR
PL + PL	0,65
SN + PL	0,43
SN + SN	0,12
SN + Q	0,12
(PL+SN)+ PL	0,08

Vale referirmos que, no *corpus* ampliado de nosso estudo, o predomínio foi de SDs representados por sintagmas nominais de terceira pessoa, conforme será visto na próxima subseção.

4.2.2.2 Traço de pessoa/número do sujeito

Esta variável é composta por seis fatores, a saber: a) primeira pessoa do singular; (b) primeira pessoa do plural, c) segunda pessoa do singular, d) segunda pessoa do plural, e) terceira pessoa do singular (cf. (31)) e f) terceira pessoa do plural (cf. (32)):

(31) “*O bebê ele* trocou seus super poderes com um ser humano que passava por ali quando aconteceu a fusão.” (Ensino Fundamental II - 5º ano)

(32) “*Os heróis eles* não tinham percebido mas o bebê estava crescendo (...)” (Ensino Fundamental II – 8º ano)

Conforme consta nos gráficos 6 e 7, a seguir, observamos que os resultados assemelham-se: só ocorrem SDs de terceira pessoa do singular e do plural, indo ao encontro do que Costa, Duarte e Silva (2004) observam para os dados da língua falada do PB:

Gráfico 6: Percentual geral do traço pessoa/número do sujeito duplicado (*1º momento da pesquisa*)

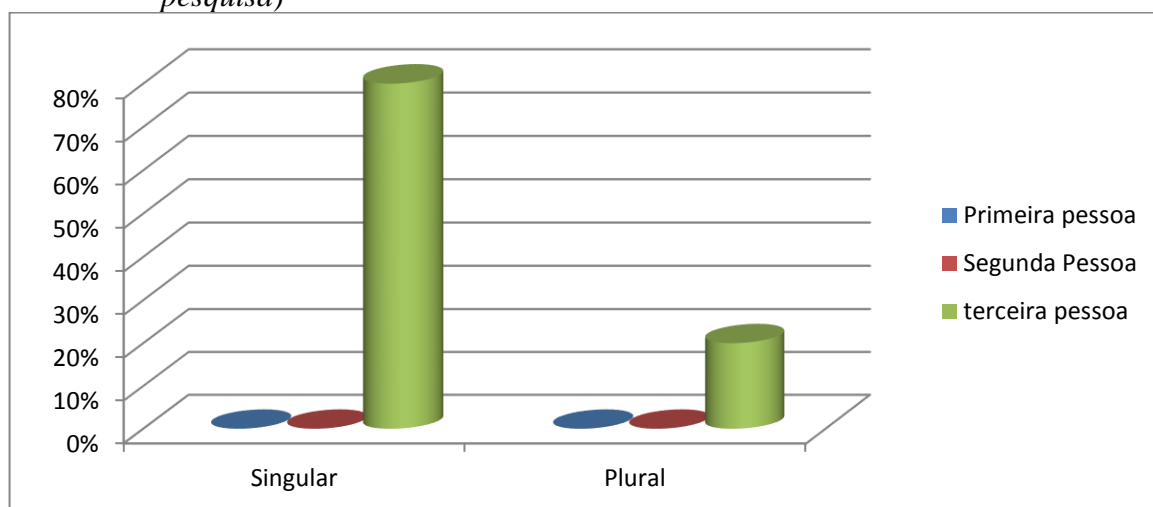
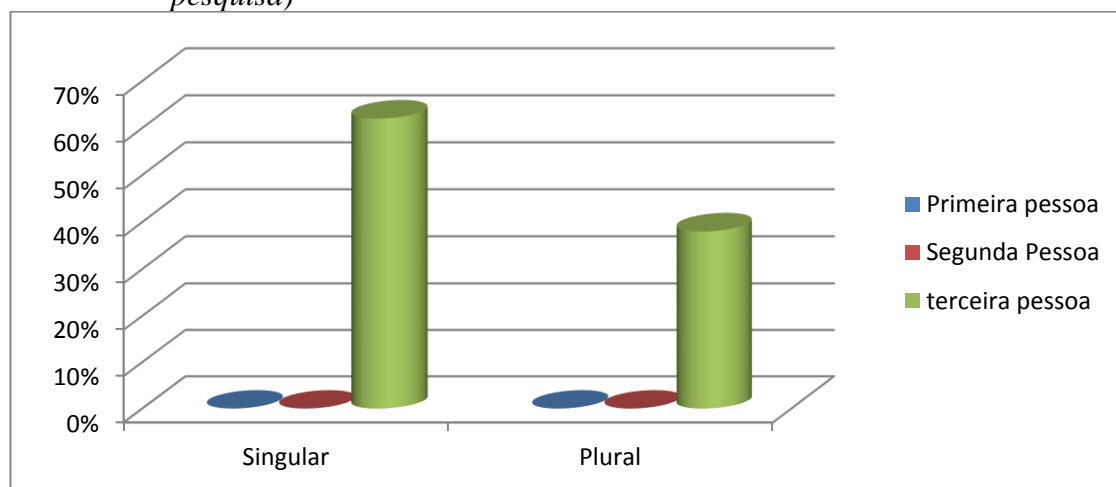


Gráfico 7: Percentual geral do traço pessoa/número do sujeito duplicado (*2º momento da pesquisa*)



Verificando os resultados obtidos por Salles (2004), observamos que a segunda e a terceira pessoas favorecem o uso de SDs na língua falada (cf. Tabela, a seguir, extraída de SALLES, 2004, p. 78):

Tabela 02: Variável Pessoas do Sujeito

Pessoa	PR em relação ao <i>input</i>
2ª pessoa do singular (você)	0,68
3ª pessoa do plural	0,62
3ª pessoa do singular	0,56
1ª pessoa do plural – nós	0,48
1ª pessoa do singular	0,45
1ª pessoa do plural – a gente	0,21

Em linhas gerais, ao contrário do que se observa em francês, tanto nos dados obtidos neste estudo quanto nos dados de Salles (2004), são pouco produtivos SDs de primeira pessoa no singular e no plural, corroborando a pesquisa de Costa, Duarte e Silva (2004).

4.2.3 Variáveis extralinguísticas

4.2.3.1 Redes de ensino

Centrando agora nossa atenção nas variáveis extralinguísticas, passemos analisar a variável *redes de ensino* cujos fatores são: escola estadual e escola municipal. Nossos resultados mostram que, no primeiro momento da pesquisa (cf. gráfico 8), há uma maior incidência de SDs na escola estadual (80%), ao contrário da escola municipal (20%). Já, no segundo momento da pesquisa, com a ampliação do *corpus*, verificamos que o percentual é equivalente em ambas as escolas: 50% (cf. gráfico 9):

Tabela 02: Variável Pessoas do Sujeito

Pessoa	PR em relação ao <i>input</i>
2ª pessoa do singular (você)	0,68
3ª pessoa do plural	0,62
3ª pessoa do singular	0,56
1ª pessoa do plural – nós	0,48
1ª pessoa do singular	0,45
1ª pessoa do plural – a gente	0,21

Em linhas gerais, ao contrário do que se observa em francês, tanto nos dados obtidos neste estudo quanto nos dados de Salles (2004), são pouco produtivos SDs de primeira pessoa no singular e no plural, corroborando a pesquisa de Costa, Duarte e Silva (2004).

4.2.4 Variáveis extralinguísticas

4.2.4.1 Redes de ensino

Centrando agora nossa atenção nas variáveis extralinguísticas, passemos analisar a variável *redes de ensino* cujos fatores são: escola estadual e escola municipal.

Nossos resultados mostram que, no primeiro momento da pesquisa (cf. gráfico 8), há uma maior incidência de SDs na escola estadual (80%), ao contrário da escola municipal (20%). Já, no segundo momento da pesquisa, com a ampliação do *corpus*, verificamos que o percentual é equivalente em ambas as escolas: 50% (cf. gráfico 9):

Gráfico 8: Percentual geral de SDs nas redes de ensino (*1º momento da pesquisa*)

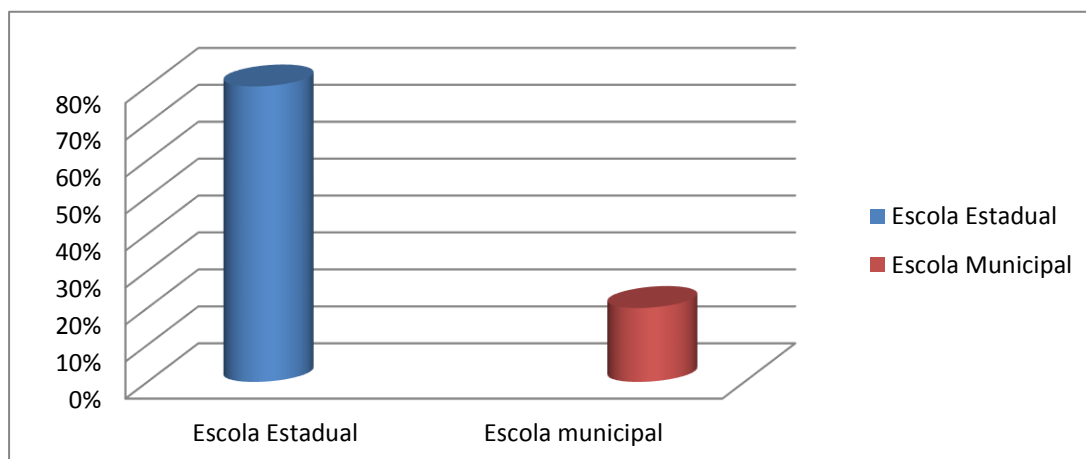
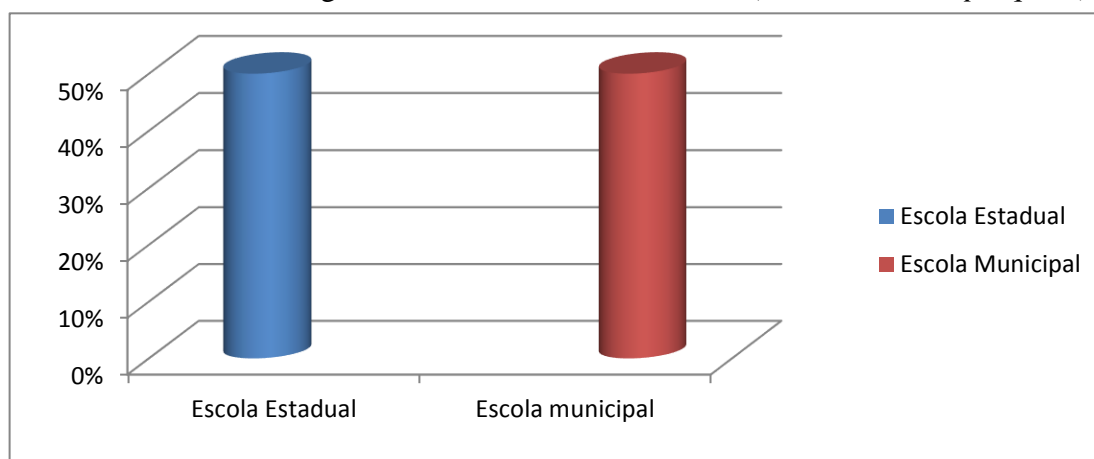


Gráfico 9: Percentual geral de SDs nas redes de ensino (*2º momento da pesquisa*)



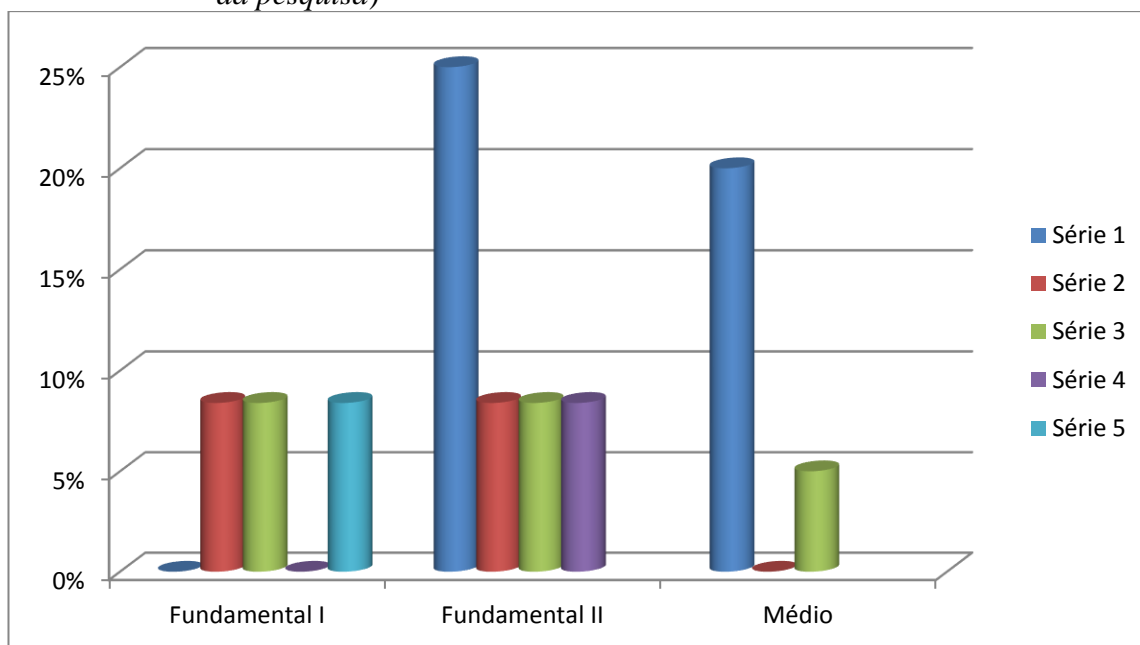
É importante considerarmos que a diferença apontada no gráfico 8 está mais relacionada às séries do que às redes, uma vez que, a nossa pesquisa mostra que a duplicação do sujeito é mais propícia no ensino fundamental II e as redações da rede municipal, que participaram da pesquisa, foram até o 5º ano.

4.2.3.2 Séries

Para analisarmos esta variável, selecionamos os seguintes fatores: a) Ensino Fundamental I (2º ao 5º ano) de uma escola municipal, b) Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) de uma escola estadual e c) Ensino Médio (1º ao 3º ano) de uma escola estadual. Em primeiro

lugar, observemos os resultados³ obtidos no primeiro momento da pesquisa referentes ao uso de SDs nas diferentes séries estudadas:

Gráfico 10: Percentual geral de SDs de acordo com as séries analisadas (*1º momento da pesquisa*)



A partir dos resultados apresentados, é possível verificarmos que:

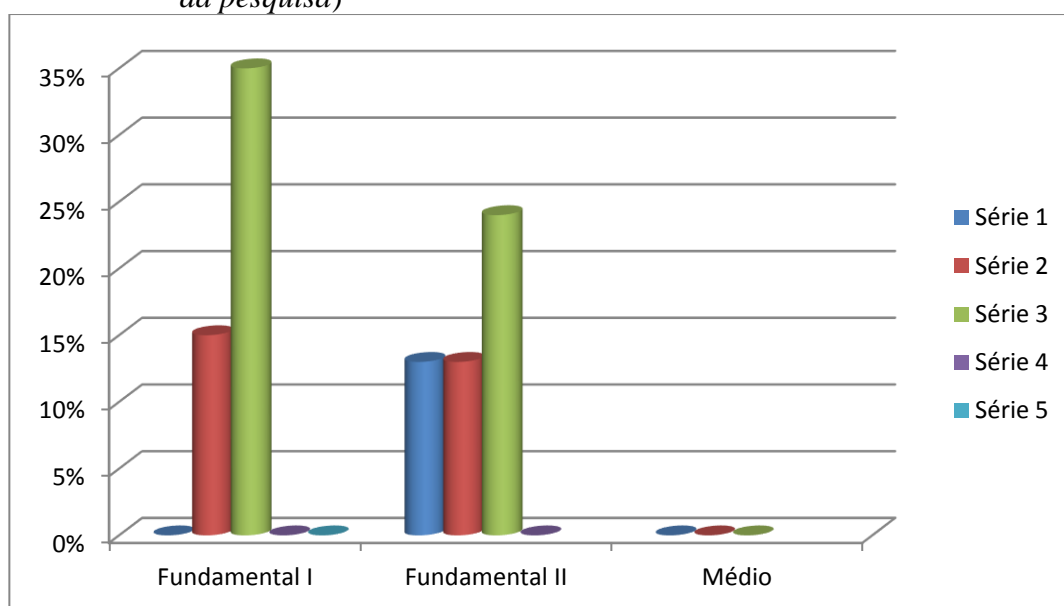
- no Ensino Fundamental I, o primeiro e o quarto anos não apresentam SDs. Em relação à porcentagem total dos SDs encontrados, esse nível de ensino tem uma incidência 8,4% nas demais séries;
- no Ensino Fundamental II, o sexto ano é o que apresenta maior índice de SDs (25%), ao passo que as demais séries seguem com 8,4%;
- no Ensino Médio, não ocorrem SDs no segundo ano, havendo 20% de SDs no primeiro ano e 5% no terceiro ano. Esse resultado reflete uma mudança decrescente em relação à incidência de SDs que julgamos ser resultante da escolarização: os alunos procuram

³Os gráficos apresentam à direita uma legenda em que a série 1 representa a primeira série de cada módulo de ensino, isto é, a primeira série representa o 1º ano do ensino fundamental I, o sexto ano do ensino fundamental II e ao 1º ano do ensino médio. A série 2 refere-se ao 2º ano do fundamental I, ao 7º ano do fundamental II e ao 2º ano do ensino médio. A série 3 refere-se ao 3º ano do fundamental I, ao 8º ano do fundamental II e ao 3º ano do ensino médio. A série 4 refere-se ao 3º ano do fundamental I, ao 9º ano do fundamental II, e a série 5 refere-se ao 5º ano do fundamental I.

escrever de forma mais próxima à norma culta, o que culmina em um decréscimo de SDs.

Em segundo lugar, passemos agora aos resultados obtidos no segundo momento da pesquisa:

Gráfico 11: Percentual geral de SDs de acordo com as séries analisadas (2^o momento da pesquisa)



Sumarizando os resultados apresentados no gráfico 11, podemos concluir que:

- No Ensino Fundamental I, SDs inexistem no primeiro, quarto e quinto anos, sendo encontrados 15% no segundo ano e 35% no terceiro ano.
- no Ensino Fundamental II, o oitavo ano é o que apresenta maior índice de SDs (24%) e, nas outras séries, esses sujeitos seguem com 13% , sendo inexistente no nono ano;
- no Ensino Médio, inexistem SDs, o que julgamos ser um reflexo da escolarização, culminando, portanto, em uma assimetria com o que ocorre na gramática da fala do PB.

Apesar de os resultados serem distintos no Ensino Fundamental I, deve ser levado em consideração que os SDs ocorreram expressivamente no 2^o e 3^o, enquanto, no Ensino fundamental II, podemos observar sua recorrência em quase todas as séries, sendo produtivos

a partir da sexta série. Ao contrário do Ensino Fundamental II, SDs não são expressivos no Ensino Médio. Esse resultado, portanto, comprova a hipótese norteadora do trabalho de que, nos anos iniciais, existe pouca frequência dos SDs em decorrência do fato de serem de aquisição tardia na fala, sendo mais frequentes nos anos intermediários e vindo a declinarem nos anos finais, distinguindo-se assim do que ocorre na gramática da fala do falante adulto.

Salles (2004) verificou que, na língua falada, as faixas etárias que produzem mais SDs são as seguintes: 26 a 35 anos (0,56), e 36 a 49 anos (0,60), sendo os falantes com ensino médio (M)(0,53) ou universitário (U) (0,49), o que vai de encontro aos dados de escrita aqui obtidos:

Tabela 3: Variáveis sociolinguísticas extraídas de Salles (2004, p.85)

Sexo	PR	Nível de escolaridade	PR	Faixa etária	PR
M	0,48	F	0,46	15 a 25	0,40
F	0,51	M	0,53	26 a 35	0,56
		U	0,49	36 a 49	0,60
				50 ou +	0,42

A partir dos resultados apresentados nesta seção, ficou evidenciado que a duplicação do sujeito em dados de escrita de alunos recifenses da rede pública ocorre principalmente com sintagma nominal de terceira pessoa do singular e o pronome é o elemento que o redobra com maior frequência.

Em relação às variáveis extralinguísticas, a) SDs são mais frequentes nas séries intermediárias independente das redes de ensino que apresentaram equivalência de resultados no segundo momento da pesquisa (cf. gráfico 9), e b) SDs são menos frequentes nas séries iniciais do ensino fundamental e são quase inexistentes nas séries do ensino médio.

Considerações finais

A análise comparativa aqui realizada entre as redes de ensino e as séries no que se refere ao comportamento dos SDs revela que os resultados obtidos se confirmam nos dois

momentos da pesquisa, já que, com a ampliação dos dados, os resultados se mantêm: SDs não são tão frequentes.

Em linhas gerais, a hipótese norteadora deste estudo corrobora-se no sentido de que, sendo os SDs de aquisição tardia em PB (GONÇALVES, 2004 apud COSTA, DUARTE, SILVA, 2004), ao contrário do que ocorre em francês, as séries iniciais apresentam poucos SDs. Não obstante, nas séries intermediárias, observamos um uso acentuado desses sujeitos que vai entrando em decréscimo no ensino médio. Esse decréscimo decorre, portanto, da instrução formal, ou seja, da aprendizagem e não de um processo natural de aquisição, o que culmina na assimetria entre a gramática da fala e a “gramática” da escrita, conforme já observado em outros estudos sobre outros fenômenos linguísticos (cf. AMORIM; MAGALHÃES, 2007).

Referências

ALEXANDRE, N.; DUARTE, I.; SANTOS, A. L. Infinitivos pessoais: uma viagem transatlântica. In: MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Maceió: EDUFAL, 2013, p. 17-47.

AMORIM, D. e MAGALHÃES, T. M. V. *O objeto direto anafórico e suas múltiplas realizações no português brasileiro*, 2007. no prelo

BORER, H. I-subjects. *Linguistic Inquiry*, v. 17, n. 3, p. 375-416, 1986.

BRITTO, H. Syntactic codification of categorical andthetic judgments in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 195-222.

BUTHERS, C. M. *Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB contemporâneo e o parâmetro do sujeito nulo: uma abordagem minimalista*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CÂMARA, A. R. da. *O estudo da topicalização na língua portuguesa*. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: UnB, 2016.

CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of Syntax*. Cambridge, Mass. : The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language : its nature, origin and use*. London: Praeger Publishers, 1986.

CORTEZ, C. M.. *Formalismo X Funcionalismo: Abordagens excludentes? Percursos Linguísticos*, n. 1 v. 1. p.57-77. 2011. Disponível em: file:///C:/Users/patry/Downloads/1188-1395-1-PB%20(1).pdf

COSTA, J.; GALVES, C. External subjects in two varieties of Portuguese evidence for a non-unified analysis. In: Beyssade, Claire. et al. *Romance languages and linguistic theory 2000*, Utrecht, 30 November-2 December. v. 232. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 109-125.

COSTA, J.; DUARTE, I.; SILVA, C. Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos vs. Soletração do traço de pessoa. *Leitura*, n. 33, 2006, p 135-145.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid : Iberoamericana, 2000, p. 55-73.

DAMÁZIO, P. R. S. D. ; PIRES DE OLIVEIRA, R. . Ciência da linguagem: uma reflexão sobre o conceito de paradigmas. *Revista de Letras*, v. 18, p. 01-19, 2016.

DE CAT, C. *French dislocation without movement. A minimalist account*. Ms., 2003.

DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. rev. aum. Lisboa: Caminho, 2003, p. 275-321.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite Pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. The loss of the 'avoid pronoun' principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid : Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

GALVES, C. C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2001.

GONÇALVES, M. F. H. S. L. *Para uma redefinição do parâmetro do sujeito nulo*. 1994. Dissertação (Mestrado em Lingüística Portuguesa Descritiva) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

KATO, M. A. Formas de Funcionalismo na Sintaxe. *DELTA*, São Paulo, v. 14, spe, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. A variação entre construções finitas pessoais e impessoais no português brasileiro. *Web-Revista SOCIODIALETO*. v. 4, 12: 153-177. 2014a.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. 2014b. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *Revista Veredas*. v. 18, 1, p. 1-22. 2014b.

HOLMBERG, A. Is there a little *pro*? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry*, v. 36, p. 533-564, 2005.

HOLMBERG, A. Null Subject Parameter, In: BIBERAUER, T; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; SHEEHAN, M. (Org.) *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 88-124.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three Partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, n. 63, p. 59-97, 2009.

HUANG, J. C. T. On the Distribution and Reference of Empty Pronouns. *Linguistic Inquiry*, n. 15, p. 531-574, 1984.

HUANG, J. C. T. Pro-drop in Chinese: a generalized control theory. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. *The null subject parameter*. Dordrecht, London : Kluwer Academic Publishers. p. 185-214, 1989.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

MORAES DE CASTILHO, C. M. Seria quatrocentista o português implantado no Brasil. In: SILVA, R. V.M. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. (Primeiros estudos, v.2). São Paulo: Humanitas, 2001.

OLIVEIRA, L.A. *Formalismo e Funcionalismo: fatias da mesma torta*. Sitientibus. Feira de Santana. N.29. p 95-104. Jul./dez. 2003. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/29/formalismo_e_funcionalismo_fatias_da_mesma_torta.pdf. acessado em 03/07/2017.

OLIVEIRA, V. M. S. de. *A expressão do sujeito no português de Moçambique*. Dissertação de Mestrado, Campinas, SP . 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305672/1/Oliveira_VictorMateusSantos_de_M.pdf

PONTES, E. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes, 1987.

RIZZI, L. A parametric approach to comparative syntax properties of the pronominal system. HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London, New York: Longman, 1997. p. 268-285.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. São Paulo : Ed. da UNICAMP, 1996.

ROBERTS, I. On the nature of syntactic parameters: a programme for research. In: GALVES, C. et al. (Ed.). *Parameter Theory and Linguistic Change*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 319-334.

ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, T.; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; SHEEHAN, M. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-57.

RODRIGUES, C. *Impoverished morphology and A-movement out of Case domains*. Tese de Doutorado. Maryland: University of Maryland, 2004.

SAAB, A. On the notion of partial (non-) pro-drop in Romance. In: KATO, M. A.; ORDÓÑEZ, F. (Ed.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford, Oxford University Press, 2016. p. 49-77.

SALLES, Adriana Amaral Flores. *O fenômeno “sujeito duplo” em PB*. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, C. R. T. *A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

TARALDSEN, K. T. *On the NIC, vacuos application and the that-trace filter*. Indiana University Linguistics Club, Bloomington. 1978.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1996. p 69-106.

TARALLO, F.; KATO, M.. *Harmonia Trans-sistêmica: Variação Intra e Inter-Linguística*. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989.

VASCO, S. L. *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa.) Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 1999.